

## CAPÍTULO 8

# ENTRE O CARISMA E O CRIME: ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO SOCIAL EM PSICOPATAS BEM-SUCEDIDOS



<https://doi.org/10.22533/at.ed.559122530058>

Data de submissão: 17/07/2025

Data de aceite: 22/07/2025

### Gislaine Lima da Silva

Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. Docente do curso de Psicologia. Lins - SP  
<http://lattes.cnpq.br/6206715998256868>

### Claudia Gonçalves dos Santos Dias

Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. Acadêmica do curso de Psicologia. Lins – SP  
<http://lattes.cnpq.br/0331125224186266>

### Kátia Suzelei Pinheiro

Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. Acadêmica do curso de Psicologia. Lins – SP  
<https://lattes.cnpq.br/1742568781684766>

contradição: os psicopatas associados ao crime são estigmatizados e marginalizados e os bem-sucedidos são admirados ou recompensados em ambientes que valorizam a competitividade. A compreensão da psicopatia requer uma articulação entre a psicologia, a neurociência e a sociologia e práticas terapêuticas e políticas públicas que enfrentem tanto as manifestações clínicas quanto os mecanismos sociais que legitimam e perpetuam.

**Palavras-chave:** Transtorno de Personalidade Antissocial. Psicopatas bem-sucedidos. Terapia Cognitivo-Comportamental. Ética clínica.

**RESUMO:** Este artigo propõe uma análise crítica do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA) desde a criminalidade e formas socialmente valorizadas. Uma revisão bibliográfica qualitativa que examina os principais fatores divergentes, destacando o papel do contexto socioeconômico, das habilidades de dissimulação e da capacidade de manipulação social. São discutidos os desafios clínicos e éticos na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Os resultados apontam para uma

BETWEEN CHARISMA AND CRIME:  
SOCIAL ADAPTATION STRATEGIES  
IN SUCCESSFUL PSYCHOPATHS

**ABSTRACT:** This article proposes a critical analysis of Antisocial Personality Disorder (APD) from criminality and socially valued forms. A qualitative literature review examines the main divergent factors, highlighting the role of socioeconomic context, dissimulation skills and the capacity for social manipulation. Clinical and ethical challenges in Cognitive Behavioral Therapy (CBT) are discussed. The results point to a

contradiction: psychopaths associated with crime are stigmatized and marginalized, while successful ones are admired or rewarded in environments that value competitiveness. Understanding psychopathy requires an articulation between psychology, neuroscience and sociology and therapeutic practices and public policies that tackle both the clinical manifestations and the social mechanisms that legitimize and perpetuate them.

**KEYWORDS:** Antisocial Personality Disorder. Psychopathy. Successful psychopaths. Cognitive-Behavioral Therapy. Clinical ethics. Psychology and society.

## INTRODUÇÃO

O Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA) é definido como um padrão persistente de desrespeito pelos direitos alheios, associado à impulsividade, manipulação e ausência de empatia (APA, 2014). Frequentemente vinculado a comportamentos criminosos, esse transtorno também pode manifestar-se de forma adaptada a contextos sociais específicos. De acordo com Louzã e Cordás (2020), tanto o DSM-5 quanto a CID-10 classificam o transtorno no grupo B dos transtornos de personalidade, sendo denominado “antissocial” no primeiro e “dissocial” no segundo. O diagnóstico envolve desvios significativos nas áreas de cognição, afetividade, funcionamento interpessoal ou controle de impulsos, com início precoce e curso estável, causando prejuízo funcional (Louzã & Cordás, 2020).

Há ainda discussões terminológicas entre “psicopatia” e “sociopatia”. A psicopatia costuma remeter a fatores biológicos predominantes, enquanto a sociopatia seria mais influenciada por ambientes adversos (Louza & Cordás, 2020). Em geral, a psicopatia envolve manipulação, frieza afetiva e comportamento antissocial (Silva, 2014), com evidências de alterações neurológicas, como nas regiões da amígdala e do córtex pré-frontal, comprometendo a regulação emocional (Sousa & Mattos, 2021; Blair, 2013). Além dos aspectos neurobiológicos, contextos familiares negligentes também favorecem o desenvolvimento desses padrões comportamentais (Bins & Taborda, 2016).

O diagnóstico exige idade mínima de 18 anos e histórico de transtorno de conduta antes dos 15 anos, incluindo critérios como impulsividade, agressividade, irresponsabilidade e ausência de remorso (APA, 2014). O curso costuma ser crônico, com possibilidade de atenuação dos sintomas após os 40 anos, sendo fundamental o diagnóstico diferencial com transtornos como bipolaridade, esquizofrenia e dependência química.

Embora geralmente vinculado à criminalidade, o conceito de psicopatia funcional, introduzido por Cleckley (1976 *apud* Henriques, 2009), amplia a compreensão sobre o transtorno. Segundo essa perspectiva, certos indivíduos com TPA conseguem adaptar-se social e profissionalmente, utilizando suas características de maneira estratégica. Esses sujeitos, muitas vezes chamados de psicopatas corporativos, evitam comportamentos abertamente criminosos, mas recorrem à manipulação e à ausência de ética para atingir objetivos (Babiak & Hare, 2006).

Pesquisas apontam que pessoas com TPA podem desenvolver estratégias adaptativas, sobressaindo-se em ambientes que exigem assertividade e liderança. O carisma superficial e a habilidade de persuasão favorecem a ascensão a posições de destaque (Davoglio et al., 2011). Frios e racionais, costumam agir com objetividade, mesmo em situações que demandam sensibilidade social (Pires, 2022). Essa capacidade de tolerar riscos contribui tanto para o sucesso quanto para o colapso em contextos corporativos (Fernandes & Moucherek, 2023).

Esses indivíduos frequentemente ascendem graças à valorização social de traços como foco em resultados, ausência de medo e capacidade de manipulação, muitas vezes confundidos com habilidades de liderança (Babiak & Hare, 2006). Ao contrário dos psicopatas criminosos, conseguem disfarçar seu comportamento, adotando estratégias de exploração mais sutis (Pires, 2022). A diferença entre os dois perfis está na forma de manifestação comportamental, mediada por fatores individuais e contextuais (Babiak & Hare, 2006; Pires, 2022).

A estrutura social é determinante nesse processo. Indivíduos com acesso à educação e ambientes estáveis tendem a canalizar seus impulsos antisociais de modo funcional, enquanto sujeitos criados em contextos de vulnerabilidade são mais propensos à delinquência (Bins & Taborda, 2016). Figuras de autoridade consistentes na infância também podem modular impulsos disruptivos, ao passo que a exposição à violência os intensifica. Como observa Pires (2022), o sistema capitalista competitivo valoriza características psicopáticas em certos contextos profissionais, criando um paradoxo: a sociedade condena o criminoso, mas celebra o executivo impiedoso.

Característica	Psicopata Criminoso	Psicopata Bem-Sucedido
<b>Comportamento</b>	Antissocial explícito (crimes, violência)	Adaptado (sucesso profissional com manipulação)
<b>Autocontrole</b>	Baixo, impulsivo	Alto, estratégias calculistas
<b>Detecção</b>	Fáceis de identificar (sistema penal)	Difícil de detectar (passam despercebidos)
<b>Disfunções Neurobiológicas</b>	Mais acentuadas	Mesmos traços, mas usados de forma funcional
<b>Empatia</b>	Ausente	Superficial ou manipulada
<b>Objetivo</b>	Benefício pessoal imediato	Ascensão profissional e poder
<b>Relações Interpessoais</b>	Superficiais, exploradoras	Superficiais, visando vantagem
<b>Consequências Legais</b>	Frequentes condenações	Risco de exposição, mas pouca punição
<b>Exemplos</b>	Jeffrey Dahmer, Ted Bundy	Executivos de grandes corporações, políticos

Tabela Comparativa: Psicopatas Criminosos vs. Bem-Sucedidos

**Fonte:** Próprio autor, com base em Babiak e Hare (2006), Pires (2022) e Bins e Taborda (2016).

Nesse cenário, destaca-se a importância da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), abordagem psicoterapêutica fundamentada em evidências e amplamente utilizada no tratamento de transtornos de personalidade. Com base nos modelos de Beck e Ellis, a TCC entende que pensamentos, emoções e comportamentos interagem de forma dinâmica (Freeman, 2017). A Terapia Cognitiva (TC), proposta por Beck (1963, 1976 *apud* Freeman, 2017), enfatiza a reestruturação de distorções cognitivas que afetam a percepção de si, dos outros e do futuro. Técnicas como o registro de pensamentos e o questionamento socrático visam ampliar a flexibilidade emocional e comportamental.

Por outro lado, a Terapia Racional-Emotiva Comportamental (TREC), desenvolvida por Albert Ellis (1957, 1962, 1994 *apud* Freeman, 2017), utiliza o modelo ABC para mostrar que não são os eventos em si, mas as crenças sobre eles que provocam sofrimento. Como afirma Ellis (1957, 1962, 1994 *apud* Freeman, 2017), uma emoção só será intensa se houver uma avaliação subjetiva do evento. Assim, o foco recai sobre crenças irrationais, como exigências absolutistas e intolerância à frustração.

Ambas as abordagens compartilham a noção de que o sofrimento é sustentado por padrões cognitivos disfuncionais. Beck introduz ainda o conceito de “modos mentais”, que ativam esquemas profundos e organizam a experiência psicológica (Freeman, 2017). Essa compreensão é especialmente relevante no TPA, cujos portadores exibem crenças ligadas à superioridade, desconfiança e desprezo pelas normas. As cognições frias: como “as pessoas são perigosas”, e quentes: como “ninguém deve me contrariar”, demandam estratégias terapêuticas diferenciadas, seja por meio da confrontação racional ou da reestruturação emocional.

A partir dos anos 1990, as chamadas terapias da terceira onda ampliaram o escopo da TCC. A Terapia de Aceitação e Compromisso (TAC) propõe modificar a relação com os pensamentos, em vez de seu conteúdo. Utilizando técnicas como desfusão cognitiva e aceitação experiencial, a TAC favorece a flexibilidade psicológica, especialmente útil em quadros resistentes como o TPA (Freeman, 2017). Essa abordagem indireta permite ao paciente observar seus padrões sem identificações rígidas, abrindo espaço para novos comportamentos.

No caso dos psicopatas bem-sucedidos, a intervenção clínica se torna ainda mais desafiadora. Esses sujeitos, embora não demonstrem comportamentos delinquentes evidentes, apresentam frieza afetiva, egocentrismo e manipulação, validados por contextos sociais que premiam a competitividade (Pereira & Souza, 2020; Costa, 2019). A ideia de psicopatia funcional é controversa, pois, como observam Kiehl e Lushing (2014 *apud* Costa, 2019), a psicopatia implica, por definição, prejuízo funcional. A noção de sucesso é também questionável: conquistas materiais nem sempre indicam saúde emocional ou relacional (Lilienfeld; Watts; Smith, 2015 *apud* Costa, 2019).

Além dos desafios técnicos, a atuação clínica com essa população exige atenção às questões éticas. Goffman (1981) conceitua o estigma como a desvalorização social de indivíduos considerados desviantes, implicando no comprometimento ao acesso a oportunidades e a inclusão social. Nesse sentido, é essencial que a prática clínica busque não apenas a redução dos sintomas, mas também a reintegração social desses sujeitos.

Portanto, compreender o TPA sob uma perspectiva ampla, que considere não apenas os aspectos patológicos, mas também os funcionais permite uma abordagem mais humanizada e eficaz. A TCC, com suas diversas vertentes, oferece ferramentas valiosas para o manejo clínico e ético desse transtorno, contribuindo para desmistificar estereótipos e ampliar as possibilidades de intervenção terapêutica.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, fundamentada em revisão bibliográfica sistemática, visa compreender o manejo de indivíduos com Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA) ou psicopatia funcionalmente adaptada, através de intervenções psicológicas, especialmente a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), considerando os desafios éticos e profissionais. Os objetivos foram identificar características desses indivíduos, revisar a literatura sobre psicopatia funcional, explorar possibilidades terapêuticas pela TCC e refletir sobre dilemas éticos na prática clínica.

Foi realizada uma análise documental, com ênfase em artigos científicos e trabalhos de pós-graduação publicados entre 2000 e 2024, ainda que tenha sido necessário incluir alguns materiais clássicos anteriores a esse recorte temporal utilizando plataformas como Google Acadêmico e *SciELO* com descritores como “Transtorno de Personalidade Antissocial” e “TCC e psicopatia”. De 47 referências identificadas, 33 foram utilizados sendo 23 artigos e 10 livros, priorizando fontes primárias sobre TPA, TCC e adaptação social de psicopatas funcionais. As fontes foram organizadas em quatro eixos: definição e diagnóstico do TPA/psicopatia (APA, Louzã e Cordás, Hare); psicopatia funcional e adaptação social (Babiak e Hare, Pires, Costa); aspectos neurobiológicos (Sousa e Mattos, Blair); e intervenções terapêuticas e dilemas éticos (Freeman, Beck, Shejet).

A análise revelou a psicopatia funcional como tema central, com menor exploração dos aspectos neurobiológicos e limitações nas abordagens terapêuticas com TCC, devido ao risco de manipulação e resistência. A metodologia permitiu articular psicologia clínica, neurociência e sociologia, apesar da limitação do predomínio de autores clássicos e escassez de dados clínicos atuais, especialmente no Brasil. Conclui-se sobre a lacuna de estudos sobre TPA em contextos não delinquentes, urgindo pesquisas longitudinais e culturalmente situadas sobre estratégias terapêuticas éticas para o manejo clínico de psicopatas bem-sucedidos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de diversos estudos acerca da psicopatia e seus comportamentos em diferentes contextos sociais revela a complexidade e a diversidade de manifestações desse transtorno. Tradicionalmente associado a comportamentos agressivos e criminosos, o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA) demonstra que, em muitos casos, indivíduos

com traços psicopáticos conseguem não apenas se inserir, mas também prosperar em ambientes sociais e profissionais. Tal fenômeno ocorre, em grande medida, em virtude do uso de estratégias manipulativas e do controle emocional, características centrais da psicopatia. Esses indivíduos frequentemente se camuflam sob uma fachada de normalidade, tornando-se quase imperceptíveis em seus comportamentos destrutivos. Este achado é corroborado por Babiak e Hare (2006), que enfatizam a habilidade dos psicopatas em se adaptar a contextos competitivos, como o mundo corporativo, onde suas características manipulativas são frequentemente disfarçadas sob a aparência de sucesso e eficiência.

Pesquisas como a de Bins e Taborda (2016) indicam que a psicopatia não se manifesta de maneira homogênea entre os indivíduos. Pelo contrário, a interação entre fatores genéticos, ambientais e sociais influencia diretamente o comportamento dos portadores do transtorno. Os autores observam que ambientes caracterizados por negligência, violência e ausência de vínculos afetivos seguros tendem a fomentar comportamentos antisociais. Entretanto, há também evidências de que, em contextos favoráveis, como uma sociedade capitalista que valoriza a competitividade, psicopatas podem encontrar terreno fértil para se destacar, manipulando o sistema em benefício próprio (Pires, 2022).

Além disso, a literatura demonstra que muitos psicopatas, embora apresentem uma profunda incapacidade de empatia, são aptos a simular emoções e sentimentos de maneira convincente, o que os torna ainda mais eficazes em suas interações sociais. A ausência de uma resposta emocional genuína é uma característica central da psicopatia, conforme discutido por Silva (2014) e Babiak e Hare (2006), que ressaltam o comportamento superficialmente encantador, mas essencialmente manipulador, desses indivíduos.

O estudo de personagens fictícios oferece uma interessante perspectiva sobre a adaptação da psicopatia a diferentes contextos sociais e culturais. Patrick Bateman, protagonista de *Psicopata Americano* (Ellis, 1991), é um banqueiro de investimentos na Manhattan dos anos 1980. Ele representa o psicopata funcional que ascende no mundo corporativo, mantendo uma fachada de sofisticação enquanto esconde sua violência extrema. Sua obsessão com a aparência, status e superficialidade, juntamente com a total ausência de empatia, serve como uma crítica à cultura corporativa e ao individualismo exacerbado.

Amy Dunne, de *Garota Exemplar* (Flynn, 2012), é apresentada como a esposa ideal até revelar sua verdadeira natureza manipuladora. Ao encenar seu próprio desaparecimento para incriminar o marido, Amy utiliza a mídia e as instituições sociais a seu favor, demonstrando habilidades manipulativas refinadas. Sua capacidade de simular emoções e controlar narrativas públicas ilustra como a psicopatia pode se manifestar e prosperar em contextos midiáticos e de relações interpessoais, explorando a confiança social.

Conforme retratado por Berlanti e Gamble (2018–presente) na série *You*, inspirada nos livros de Caroline Kepnes (*Você, Corpos Ocultos e Você Me Ama*), Joe Goldberg exemplifica a psicopatia no âmbito das relações amorosas contemporâneas. Apresentando-se como romântico e protetor, Joe justifica seus atos de perseguição, manipulação e

assassinato sob a premissa do amor verdadeiro. Sua narrativa em primeira pessoa, que distorce a realidade a seu favor, evidencia traços psicopáticos como a objetificação do outro, o egocentrismo e a ausência de remorso. A série destaca como comportamentos psicopáticos podem ser romantizados e normalizados, principalmente em um contexto cultural que valoriza paixões intensas e possessivas.

Esses exemplos evidenciam a flexibilidade e adaptabilidade da psicopatia, seja em ambientes profissionais, sociais ou íntimos. Patrick Bateman, Amy Dunne e Joe Goldberg ilustram distintas facetas da psicopatia funcional, revelando como esses indivíduos se moldam às expectativas e estruturas sociais para alcançar seus objetivos, mesmo que isso implique a destruição emocional ou física de outros.

Esses achados suscitam uma reflexão crítica: seria a sociedade contemporânea cúmplice do sucesso dos psicopatas funcionais? Em muitos contextos, comportamentos que à primeira vista são considerados assertivos ou indicadores de sucesso, como a busca incessante por poder e controle, acabam sendo premiados e incentivados. As habilidades de manipular e enganar para obter resultados são em numerosos ambientes vistas como uma competência estratégica, o que reforça e legitima o perfil do psicopata funcional. Como observa (ARFELI & JÚNIOR, 2023, p. 01), “a psicopatia se configura como um instrumento de controle, normatização e manutenção da sociedade capitalista”, legitimando indivíduos que, sob o disfarce de eficiência e assertividade, reproduzem comportamentos essencialmente destrutivos para o tecido social.

A atuação psicológica com indivíduos diagnosticados com Transtorno da Personalidade Antissocial (TPA), sobretudo aqueles que demonstram êxito funcional em ambientes sociais ou corporativos, apresenta uma série de desafios éticos e profissionais à prática clínica. Trata-se de sujeitos que, embora não manifestem comportamentos criminosos evidentes, exibem padrões interpessoais marcados por frieza afetiva, manipulação, egocentrismo, ausência de empatia e transgressões sutis, frequentemente legitimadas socialmente (Pereira e Souza, 2020; Costa, 2019; Silva, 2014).

O conceito de TPA/psicopatia bem-sucedida gera debates intensos na literatura científica. Kiehl e Lushing (2014 *apud* Costa, 2019) argumentam que a noção constitui um paradoxo, uma vez que a psicopatia, por definição, implica prejuízo funcional. Ademais, os critérios para definir “sucesso” variam, ora privilegiando ganhos de curto prazo, ora valorizando a conquista de status e riqueza (Lilienfeld; Watts; Smith, 2015 *apud* Costa, 2019).

Ainda na década de 1980, Ray e Ray (1982 *apud* Costa, 2019) observaram que, desde que o psicopata evite comportamentos antissociais extremos, suas características podem ser vistas como vantagens em contextos corporativos altamente competitivos e individualistas. Essa constatação é particularmente relevante no cenário brasileiro, onde, como aponta Costa (2019), a cultura organizacional frequentemente valoriza a comunicação obscura, o favoritismo e a competição predatória, fatores que favorecem a ascensão de indivíduos com traços psicopáticos.

A psicopatia funcional pode ser entendida como uma versão atenuada da psicopatia tradicional (Costa, 2019), uma manifestação modulada por fatores protetores como inteligência e ambiente familiar (Hare, 2013 *apud* Costa, 2019), ou ainda como a combinação de traços como audácia e conscienciosidade, que permitem o controle de impulsos criminosos (Lilienfeld; Watts; Smith, 2015 *apud* Costa, 2019). Embora distintas essas abordagens são complementares.

No contexto organizacional, tais indivíduos costumam ser percebidos como líderes carismáticos e eficientes, ainda que seus comportamentos predatórios, como *gaslighting*, exploração emocional e charme superficial, acabem deteriorando a saúde organizacional a médio e longo prazo (Costa, 2019). No Brasil, essas práticas são, muitas vezes, confundidas com assertividade e resiliência, dificultando sua identificação e manejo adequado.

Para o psicólogo, os dilemas éticos são significativos. No setting clínico, há o risco de o paciente utilizar a terapia como ferramenta de aprimoramento de suas estratégias manipulativas, sem intenção genuína de mudança (Shejet, 2023; Silva, 2014). No ambiente organizacional, surge o desafio de equilibrar o sigilo profissional com a proteção dos demais trabalhadores. Estratégias como escuta refinada, definição clara de limites terapêuticos, contratos explícitos e supervisão contínua são essenciais (Pereira e Souza, 2020).

Ainda, estudos de Sousa e Mattos (2021) evidenciam disfunções neurobiológicas nesses indivíduos, como a hipoatividade da amígdala e anomalias no córtex pré-frontal, o que reforça a dificuldade de promover mudanças profundas na estrutura emocional e moral do paciente. Intervenções terapêuticas, portanto, devem focar mais na modificação comportamental e na prevenção de riscos do que na transformação subjetiva plena.

Outro dado relevante é que a presença de indivíduos com traços psicopáticos em cargos de liderança pode ser até quatro vezes maior que na população geral (Boddy, Ladyshevsky e Galvin, 2010 *apud* Costa, 2019). Profissões como política, negócios e esportes de alto risco demonstram super-representação desses perfis (Lilienfeld; Watts; Smith, 2015 *apud* Costa, 2019).

No Brasil, Costa (2019) relata um caso em que um gestor inicialmente visto como competente e carismático instaurou um ambiente tóxico, deteriorando a saúde mental dos colaboradores. Esse exemplo ilustra os perigos de se confundir traços psicopáticos com liderança eficaz e reforça a necessidade de políticas institucionais de identificação e gestão desse perfil.

Assim, discutir os desafios éticos e profissionais na atuação com indivíduos com TPA bem-sucedidos é reconhecer a complexidade desse fenômeno e a necessidade de abordagens baseadas em evidências, sólidas do ponto de vista ético e ajustadas à realidade cultural brasileira.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise desenvolvida neste estudo permitiu uma compreensão ampla do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA) e da psicopatia, ressaltando sua complexidade tanto em contextos criminais quanto em ambientes socialmente adaptados. Indivíduos com esse transtorno compartilham traços como manipulação interpessoal, ausência de empatia, impulsividade e desprezo pelas normas sociais, mas sua trajetória pode variar conforme fatores como ambiente familiar, contexto socioeconômico e acesso à educação (Babiak & Hare, 2006; Bins & Taborda, 2016; Pires, 2022).

Um dos principais desafios enfrentados foi a escassez de pesquisas atuais que tratem do TPA fora do contexto organizacional. A literatura continua fortemente ancorada em autores clássicos, como Cleckley (1941) e Hare (2013), o que evidencia uma lacuna significativa no debate contemporâneo. Embora a psicopatia corporativa tenha ganhado destaque, especialmente em estudos sobre liderança e poder, ainda há poucas investigações recentes sobre as implicações clínicas do transtorno em contextos não criminais, suas expressões nas relações cotidianas e seus cruzamentos com gênero e cultura. Essa carência compromete a compreensão do fenômeno e limita o avanço de estratégias terapêuticas eficazes.

Nesse cenário, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) surge como uma abordagem promissora para o manejo do TPA, voltada à reestruturação de crenças disfuncionais, ao desenvolvimento de habilidades emocionais e à prevenção de recaídas (Beck, 2019; Freeman, 2017). No entanto, sua efetividade em casos de psicopatia funcional, em que o sujeito apresenta alto desempenho social e baixa motivação para mudança, ainda é questionável. Estudos indicam que esses pacientes podem utilizar a terapia de forma instrumental, apropriando-se de técnicas para aprimorar suas estratégias de manipulação (Shejet, 2023). Além disso, o setting clínico demanda atenção ética, sobretudo quando o paciente ocupa posições de poder que possam gerar risco a terceiros.

A discussão sobre a psicopatia bem-sucedida revela uma contradição social marcante: enquanto psicopatas criminosos são estigmatizados, aqueles que utilizam seus traços para alcançar sucesso são frequentemente celebrados como líderes estratégicos. Tal ambiguidade reflete uma seletividade moral que condena a violência direta, mas tolera, e até recompensa, comportamentos predatórios associados ao prestígio e à ascensão social (Pires, 2022). Obras como Psicopata Americano ou Garota Exemplar ilustram essa romantização cultural da psicopatia funcional, contribuindo para a sua normalização em determinadas esferas sociais.

Além do viés cultural, estudos neurocientíficos identificam alterações em estruturas como a amígdala e o córtex pré-frontal em indivíduos com TPA, sugerindo uma base biológica para a baixa empatia e impulsividade (Sousa & Mattos, 2021). Já perspectivas sociológicas apontam o papel de estruturas competitivas e individualistas na legitimação de

traços antissociais, especialmente no contexto capitalista (Pires, 2022). Assim, a psicopatia não deve ser reduzida a uma disfunção individual, mas compreendida como fenômeno multifatorial, atravessado por dimensões psicológicas, biológicas e socioculturais.

Futuras pesquisas podem contribuir significativamente ao explorar, por exemplo: (1) estratégias de prevenção e intervenção precoce na infância e adolescência; (2) as manifestações do transtorno em mulheres, ainda pouco estudadas; (3) a eficácia de terapias emergentes, como a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT); e (4) ferramentas para identificação e contenção de líderes com traços psicopáticos em ambientes corporativos.

Em última análise, a psicopatia funcional representa um desafio clínico e ético, mas também revela tensões sociais mais amplas. Enquanto traços como frieza emocional, competitividade e manipulação continuarem sendo valorizados em certos contextos, o fenômeno permanecerá paradoxalmente aceito. Assim, cabe aos profissionais da psicologia não apenas buscar tratamentos eficazes, mas também fomentar a reflexão crítica sobre os valores que moldam nossas instituições, promovendo uma cultura que priorize empatia, responsabilidade social e bem-estar coletivo.

## REFERÊNCIAS

ARFELI, G. F. M.; JÚNIOR, O. G. Psicopatia como Ideologia: Um Instrumento de Manutenção da Sociedade Capitalista. **Revista Psicologia e Saúde**, [S. I.], v. 15, n. 1, p. e15121831, 2023. DOI: 10.20435/pssa.v15i1.1831. Disponível em: <https://pssa.ucdb.br/pssa/article/view/1831>. Acesso em: 20 jan. 2025.

APA, A. A. D. P. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Tradução de Artmed Editora. 5<sup>a</sup> edição. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 659-663 p.

BABIAK, P.; HARE, R. D. **Snakes in Suits: When Psychopaths Go to Work**. New York: HarperBusiness, 2006.

BECK, A. T. Thinking and depression: I. Idiosyncratic content and cognitive distortions, **Arch Gen Psychiatry**. 9, n. 4, 9 outubro 1963. 324-333. Disponível: [https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/article-abstract/488402#google\\_vignette](https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/article-abstract/488402#google_vignette). Acesso em: 21 Janeiro 2025.

BECK, A. T. **Cognitive therapy and the emotional disorders**. 1<sup>a</sup>. ed. New York: Paperback , 1976.

BECK, A. T. **Terapia cognitiva dos transtornos da personalidade** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2017. Disponível em: <<https://dokumen.pub/terapia-cognitiva-dos-transtornos-da-personalidade-3-ed-9788582714126.html>>. Acesso em: 15 novembro 2024.

BECK, J. S. **Terapia Cognitiva: Teoria e Prática**. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. 3<sup>a</sup>. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2021.

BINS, H. D. D. C.; TABORDA, J. G. V. Psicopatia: influências ambientais, interações biossociais e questões éticas. **Revis: Debates em Psiquiatria**, p. 8-16, 2016. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/143>. Acesso em: 15 novembro 2024.

BOODDY, C. R.; LADYSHEWSKY, R. K.; GALVIN, P. The Influence of Corporate Psychopaths on Corporate Social Responsibility and Organizational Commitment to Employees. *Journal of Business Ethics*, v. 97, n. 1, p. 1-19, 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/225719922\\_The\\_Influence\\_of\\_Corporate\\_Psychopaths\\_on\\_Corporate\\_Social\\_Responsibility\\_and\\_Organizational\\_Commitment\\_to\\_Employees](https://www.researchgate.net/publication/225719922_The_Influence_of_Corporate_Psychopaths_on_Corporate_Social_Responsibility_and_Organizational_Commitment_to_Employees). Acesso em: 22 janeiro 2025.

CESAR, I. R. D. M.; LOPES, R. F. D. S. Psicopatas no Mundo Corporativo: um estudo sobre as características e consequências de sua presença no ambiente de trabalho. *International Journal of Professional Business Review*, v. 9, p. 1-17, 20 setembro 2024. Disponível em: <https://openaccessojs.com/JBReview/article/view/4982>. Acesso em: 22 janeiro 2025.

CLECKEY, H. M. **The mask of sanity: an attempt to clarify some issues about the so-called psychopathic personality**. Reempreissão 1988. St. Louis: Mosby, 1941. Fifth Edition: private printing for non-profit educational use.

COSTA, H. P. D. **Psicopatia Corporativa**: Um Estudo Sobre Gestores no Brasil. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará - Centro De Hymanidades, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/50170>>. Acesso em: 10 outubro 2024.

DAVOGLIO, M. R. et al. Medida Interpessoal de Psicopatia (IM-P): estudo preliminar no contexto brasileiro. *Trends Psychiatry Psychother*, v. 33, n. 3, p.147-155, 2011. Disponível: <https://www.scielo.br/j/trends/a/yQtymSF4XCQmqd9nCDHQknC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 outubro 2024.

ELLIS A. Rational psychotherapy. *J Gen Psychol*. V. 59, n.1, p.35-49, Jul 1958. Acesso em: 15 nov. 2024. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/13563813/>>. Acesso em: 15 nov 2024.

ELLIS, B. E. **Psicopata americano**. Tradução de Marcelo Barbão. 1<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Rocco, 1991.

FERNANDES, A. L.; MOUCHEREK, M. C. Psicopatia Social: identificando o perfil do psicopata. *Revista Foco*, Curitiba, v. 16, n. 4, p. 1-20, abril 2023. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/1699>. Acesso em 15 nov 2024.

FILHO, N. H.; TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G. Psicopatia: O construto e sua avaliação. *Avaliação Psicológica*, v. 8, n.3, pp. 337-346, 8, dezembro 2009. 337-346. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v8n3/v8n3a06.pdf>. Acesso em 15 nov 2024.

FLYNN, G. **Garota exemplar**. Tradução de Bárbara Heliodora. 1<sup>a</sup>. ed. [S.I.]: Intrínseca, 2012.

FREEMAN, D. O. D. E. A. Visão Geral da Terapia Cognitivo-Comportamental dos Transtornos da Personalidade. In: BECK, A. T.; DAVIS, D. D.; FREEMAN, A. **Terapia cognitiva dos transtornos da personalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2017.

GALVÁN, K. X. D. et al. La empatía en los psicópatas. *eduPsykhé - Revista de Psicología y Educación*, v. 20, n.1, p. 44-64, 1 janeiro 2023. Disponível em: <https://journals.ucjc.edu/EDU/article/view/4533>. Acesso em: 29 março 2025.

GOFFAMAN, E. **Estigma** – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

HARE, R. D. **Sem consciência**: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós. Tradução de Denise Regina de Sales. Porto Alegre: Artmed, 2013. Versão digital.

HARE, R. D.; PRESS, G. Without Conscience: The Disturbing World of the Psychopaths Among Us. New York: The Guilford Press, 1999.

HENRIQUES, R. P. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo a medicalização da delinquência. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental** v. 12, n. 2, p. 285-302, junho 2009. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/21304>>. Acesso em: 14 novembro 2024.

LOUZÃ, M. R.; CORDÁS, T. A. **Transtornos da personalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2020.

MITCHELL, D.; TAFRATE, R. C.; FREEMAN, A. Transtorno da personalidade antissocial. In: BECK, A. T.; DAVIS, D. D.; FREEMAN, A. **Terapia Cognitivo-Comportamental dos Transtornos de Personalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2017. Cap. 16, p. 467-490.

OMS, O. M. D. S. **CID-10: Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento – Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas**. Tradução de Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artmed, 1993. ISBN 978-85-7307-724-7.

PEREIRA, M. G. M.; SOUZA, M. V. O. D. Estratégias Comportamentais e Cognitivas no Tratamento da Psicopatia: Uma Revisão. **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics**, Salvador, v. 9, n. 3, p. 245-281, Fevereiro 2020. Disponível em: <<https://www.bjfs.org/bjfs/index.php/bjfs/article/view/754/2852>>. Acesso em: 21 setembro 2024.

PIRES, S. F. S. Aptos para serem antiéticos: a psicopatia FUNCIONAL nas organizações. **Revista Contemporânea**, v. 2, n.4, p. 106-121, 2022. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/235>. Acesso em: 12 novembro 2024.

RANGÉ ET AL, B. **Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais: Um Diálogo com a Psiquiatria**. 2<sup>a</sup>. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

SHEJET, F. O. La violencia: psicopatía, empatía y tratamientos. Edupsykhé. **Revista de Psicología y Educación**, México, v. 20, p. 1-4, 3 janeiro 2023. Disponível em: <<https://journals.ucjc.edu/EDU/article/view/4535>>. Acesso em: 15 outubro 2024.

SILVA, A. B. B. **Mentes Perigosas**: O psicopata mora ao lado. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2014.

SOUZA, C. E. B. D.; MATTOS, M. S. D. S. K. D. Psicopatia: bases neurobiológicas e influências ambientais. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, Campos do Jordão, v. 25, n. 1, p. 31-51, Jan/Abr 2021. Disponível em: <<https://www.revneuropsiq.com.br/rbnp/article/view/622/234>>. Acesso em: 15 outubro 2024.

YOU. Produção: Netflix. Intérpretes: G., & GAMBLE, S. (Criadores) BERLANTI. [S.I.]: Warner Bros. Television; Alloy Entertainment; A&E Studios; Berlanti Productions; Man Sewing Dinosaur. 2018.